

USP - FFLCH - DLCV




FLC 0401
Literatura Brasileira VI




Prof. Jaime Ginzburg



22.8.2023



Revisão da aula de 15 de agosto de 2023



2001: a space odyssey -
Stanley Kubrick - 1968

KRAMER, Peter. *2001: A space odyssey*. London: Palgrave Macmillan, 2015. p.58.

Construção do filme em cinco partes e um intervalo:

Segmento 1 (aproximadamente 15 minutos) - tempos pré-históricos na Terra

Segmento 2 (aproximadamente 35 minutos) - uma viagem para a Lua em torno do início do século XXI

Segmento 3 (aproximadamente 33 minutos) - uma viagem para Júpiter em torno do início do século XXI

KRAMER, Peter. *2001: A space odyssey*. London: Palgrave Macmillan, 2015. p.58.

Construção do filme em cinco partes e um intervalo:

Intervalo

Segmento 4 (aproximadamente 27 minutos) - continuação da viagem a Júpiter

Segmento 5 (aproximadamente 23 minutos) - uma viagem de Júpiter a um destino desconhecido, e de volta para a Terra, em torno do início do século XXI

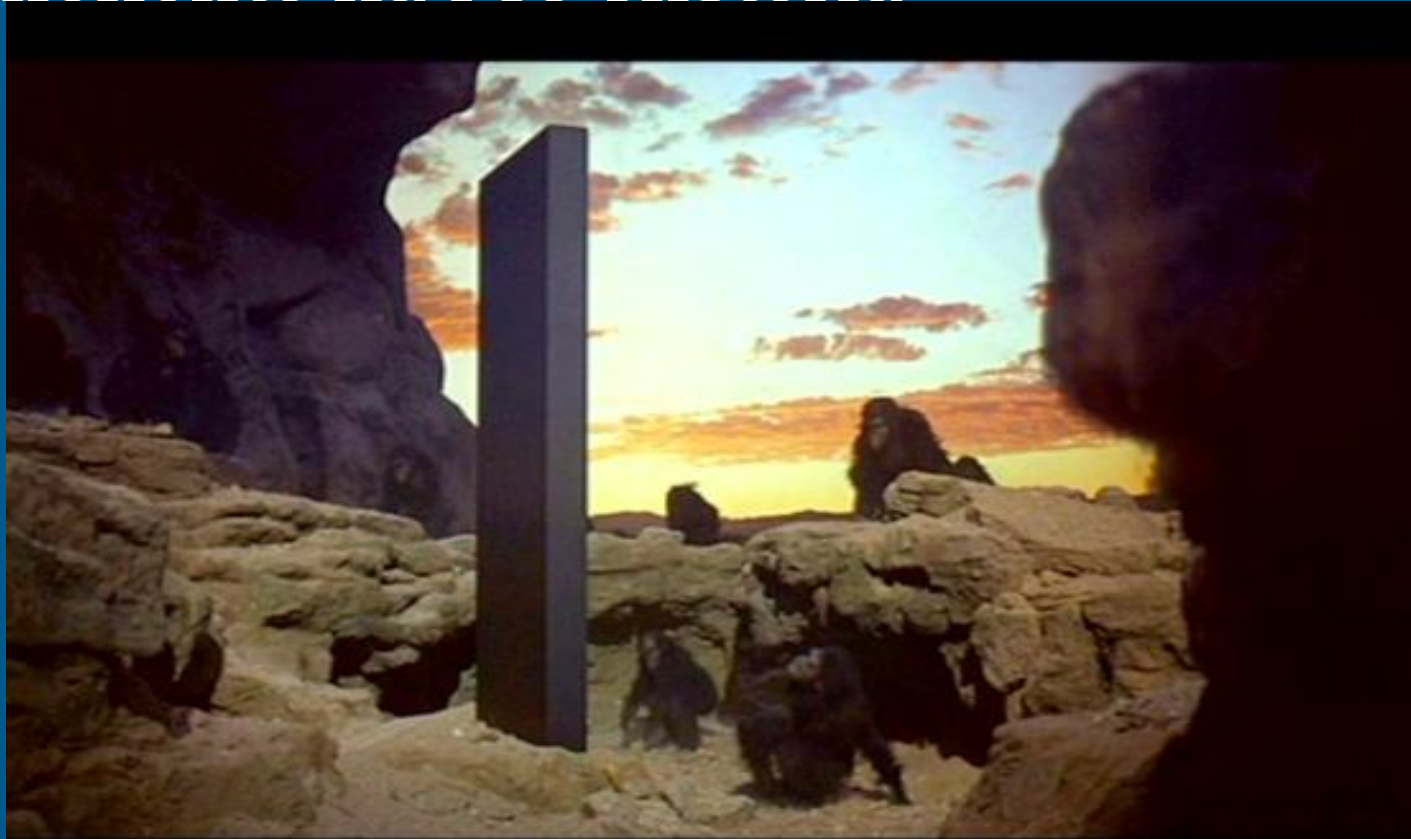
KRAMER, Peter. *2001: A space odyssey*. London: Palgrave Macmillan, 2015. p.83.

A aurora:

Emergência de uma consciência

O emprego do osso como arma

O monolito na Pré-História



A dominação do osso como instrumento



O modelo onírico de filme

“o discurso cinematográfico não deve imitar o verossímil (denominador real) (...). Ele deve imitar a articulação dos sonhos (...)”

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p.114.

KRAMER, Peter. *2001: A space odyssey*. London: Palgrave Macmillan, 2015. p.86.

A opacidade do filme se expressa na recusa do filme em facilitar para a audiência o reconhecimento de uma estória sendo contada.

A opacidade do filme se articula com a opacidade dos monolitos.

[Fim da revisão da aula anterior]

Estudo de contos

Elementos básicos em Teorias da Narrativa

Especificidades do gênero conto

GOTLIB, Nádía B. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1990. p.11.

Três acepções da palavra conto

Para Julio Casares há três acepções da palavra *conto*, que Julio Cortázar utiliza no seu estudo sobre Poe: 1. relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las.

Todas apresentam um ponto comum: são modos de se *contar* alguma coisa e, enquanto tal, são todas *narrativas*. Pois

"toda narrativa consiste em um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação",

afirma Claude Brémont, ao examinar a "lógica dos possíveis narrativos".

Narrativa: origens

Walter Benjamin

“O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”

“Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (p.200)

Narrativa: convenções

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. v.1.

p.70 – a importância da causalidade para constituir uma intriga

p.88 – “As ações implicam *fins*”

p.142 – “a história visa a um saber, a uma visão ordenada, estabelecida sobre cadeias de relações causais ou finalistas”¹⁴

Características do conto moderno

- breve
- elíptica
- unidade de efeito

MARLER, Robert. From tale to short story. In: MAY, Charles, Ed. *The new Short Story Theories*. Athens: Ohio University Press, 1994. p.172.

O gênero **ficção científica**

Esse gênero se refere a elementos que seriam “radicalmente diferentes de tempos e lugares empíricos, e personagens de ficção mimética ou naturalista” (p.21)

TERRONE, Enrico. Science fiction as a genre.

The Journal of Aesthetics and Art Criticism, 2021, 79, 16–29
DOI: 10.1093/jaac/kpaa003

O gênero ficção científica

Esse gênero pode ser constituído por situações de elevado impacto, como catástrofes ou desastres. Em alguns casos, os acontecimentos seriam familiares, mas a intensidade de suas consequências seria percebida como uma novidade. (p.25)

TERRONE, Enrico. Science fiction as a genre.

The Journal of Aesthetics and Art Criticism, 2021, 79, 16–29
DOI: 10.1093/jaac/kpaa003

Características de contos de Clarice Lispector

“(...) o episódio único que serve de núcleo à narrativa é um momento de tensão conflitiva.” (p.79)

NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quirón, 1973.

Características de contos de Clarice Lispector

Assim, em certos contos, a tensão conflitiva se declara subitamente e estabelece uma ruptura do personagem com o mundo. Noutros porém a crise declarada, que raramente se resolve através de um ato, mantém-se do princípio ao fim, seja como aspiração ou devaneio, seja como mal-entendido ou incompatibilidade entre pessoas, tomando a forma de estranheza diante das coisas, de embate dos sentimentos ou de consciência culposa. To-

NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quirón, 1973. p.79.

“Miss Algrave”, de Clarice Lispector - 1974

Solteira, é claro, virgem, é claro. Morava sozinha numa cobertura em Soho. Nesse dia tinha feito suas compras de comida: legumes e frutas. Porque comer carne ela considerava pecado.

Quando passava pelo Picadilly Circle e via as mulheres esperando homens nas esquinas, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar. E aquela estátua de Eros, ali, indecente.

“Miss Algrave”, de Clarice Lispector - 1974

De vez em quando Miss Algrave escrevia uma carta de protesto para o *Time*. E eles publicavam. Via com muito gosto o seu nome: sincerely Ruth Algrave.

Tomava banho só uma vez por semana, no sábado. Para não ver o seu corpo nu, não tirava nem as calcinhas nem o sutiã.

“Miss Algrave”, de Clarice Lispector - 1974

Suspirou muito porque era difícil viver só. A solidão a esmagava. Terrível não ter uma só pessoa para conversar. Era a criatura mais solitária que conhecia. Até Mrs. Cabot tinha um gato. Ruth Algrave não tinha bicho nenhum: eram bestiais demais para o seu gosto. Nem tinha televisão. Por dois motivos: faltava-lhe dinheiro e não queria ficar vendo as imoralidades que apareciam na tela. Na televisão de Mrs. Cabot vira um homem beijando uma mulher na boca. E isso sem falar no perigo da transmissão de micróbios. Ah, se pudesse escreveria todos os dias uma carta de protesto para o *Time*. Mas não adiantava protestar, ao que parecia. A falta de vergonha estava no ar. Até já vira um cachorro com uma cadela. Ficou impressionada. Mas se assim Deus queria, que então assim fosse. Mas ninguém a tocava jamais, pensou. Ficava curtindo a solidão.

“Miss Algrave”, de Clarice Lispector - 1974

Foi então que aconteceu.

Sentiu que pela janela entrava uma coisa que não era um pombo. Teve medo. Falou bem alto:

– Quem é?

E a resposta veio em forma de vento:

– Eu sou um eu.

– Quem é você? perguntou trêmula.

– Vim de Saturno para amar você.

– Mas eu não estou vendo ninguém! gritou.

– O que importa é que você está me sentindo.

E sentia-o mesmo. Teve um *frisson* eletrônico.

– Como é que você se chama? perguntou com medo.

– Pouco importa.

– Mas quero chamar seu nome!

– Chame-me de Ixtlan.

“Miss Algrave”, de Clarice Lispector - 1974

Ele disse:

– Tire a roupa.

Ela tirou a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou as mãos pelos seus seios. Rosas negras.

Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Tinha medo que acabasse. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado.

Começou a suspirar e disse para Ixtlan:

– Eu te amo, meu amor! meu grande amor!

E – é, sim. Aconteceu. Ela queria que não acabasse nunca. Como era bom, meu Deus. Tinha vontade de mais, mais e mais.

“Miss Algrave”, de Clarice Lispector - 1974

Ela o amava e ia esperar ardentemente pela nova lua cheia. Não quis tomar banho para não tirar de si o gosto de Ixtlan. Com ele não fora pecado e sim uma delícia. Não queria mais escrever nenhuma carta de protesto: não protestava mais.

E não foi à igreja. Era mulher realizada. Tinha marido.

Então, no domingo, na hora do almoço, comeu *filet mignon* com purê de batata. A carne sangrenta era ótima. E tomou vinho tinto italiano. Era mesmo privilegiada. Fora escolhida por um ser de Saturno.

Ficção científica

O contato com um alienígena como forma de eliminação da repressão sexual.

“Miss Algrave”, de Clarice Lispector - 1974

Sim. Mas fez uma coisa que era traição. Ixtlan a compreenderia e perdoaria. Afinal de contas, a pessoa tinha que dar um jeito, não tinha?

Foi o seguinte: não aguentando mais, encaminhou-se para o Picadilly Circle e achegou-se a um homem cabeludo. Levou-o ao seu quarto. Disse-lhe que não precisava pagar. Mas ele fez questão e antes de ir embora deixou na mesa de cabeceira uma libra inteira! Bem que estava precisada de dinheiro. Ficou furiosa, porém, quando ele não quis acreditar na sua história. Mostrou-lhe, quase até o seu nariz, o lençol manchado de sangue. Ele riu-se dela.

Na segunda-feira de manhã resolveu-se: não ia mais trabalhar como datilógrafa, tinha outros dons. Mr. Clairson que se danasse. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto. Como era boa de cama, pagar-lhe-iam muito bem. Poderia beber vinho

“Ascensão e queda de Robhêa, manequim & robô”, de Caio Fernando Abreu - 1975

Não foi difícil contê-los. No sétimo dia morriam pelas esquinas em estilhaços metálicos e ruídos de ferragens. A epidemia se alastrara de tal modo que se tornara muito fácil surpreendê-los. Os policiais nem mais se preocupavam em armar ciladas, disfarçando-se de civis para poderem acompanhar e prevenir a evolução da peste. Os *contaminados* — assim haviam sido chamados pelo Poder — não suportavam o processo por mais de uma semana. Findo esse prazo, tombavam pelas praças e ruas, os olhos de vidro explodindo em pedacinhos coloridos, as engrenagens enferrujadas não obedecendo às ordens dos cérebros enfraquecidos. Alguns tomavam doses enormes de estimulantes para que o cérebro, funcionando em sua quase totalidade, enviasse ordens cada vez mais violentas aos membros entorpecidos. Mas os nervos tor-

Ficção científica

O robô como metáfora para grupos sociais excluídos ou perseguidos.

“Ascensão e queda de Robhéa, manequim & robô”, de Caio Fernando Abreu - 1975

A rua suspeita foi cercada, os policiais derrubaram as portas com metralhadoras e encurralaram os contaminados contra uma parede úmida onde, com fortes jatos d'água, conseguiram enferrujar lentamente suas articulações. Morreram todos, da mesma maneira que seus precursores — à exceção de uma jovem inteiramente mecanizada, com grandes olhos em vidro rosa e magníficas pernas de aço. Foi imediatamente

“Ascensão e queda de Robhóa, manequim & robô”, de Caio Fernando Abreu - 1975

sou a ser comentado nos bares da moda. Os costureiros lançaram a *linha-robô*, com roupas inteiramente de aço e maquiagem metálica, os oculistas criaram novas lentes de contato acrílicas, especialmente para dar aos olhos o efeito do vidro. Surgiram novos manequins, de movimentos endurecidos e olhos vidrados. Tornou-se extremamente chique frequentar oficinas mecânicas em vez de saunas, academias de dança ou institutos de beleza. E o jornalista começou a sair na capa das

“Ascensão e queda de Robhêa, manequim & robô”, de Caio Fernando Abreu - 1975

A jovem, conhecida artisticamente como Robhêa, alcançou um espantoso sucesso. Galgou todos os degraus da fama em pouquíssimo tempo, acabando por filmar com os cineastas mais em voga no momento, ganhando prêmios e mais prêmios em festivais internacionais e sendo eleita Rainha das Atrizes durante cinco carnavais seguidos. Foi no último carnaval que, sem dar explicações, ela fugiu abruptamente do baile, espatifando a fantasia e repetindo em inglês que queria ficar sozinha. Retirou-se para uma ilha deserta e inacessível, onde viveu até o fim de seus dias. Comentou-se que seria homossexual, e fora obrigada pelos empresários a esconder esse terrível fato do grande público. Uma jovem que

Continuação

2001: a space odyssey -
Stanley Kubrick - 1968

“2001”, de Rita Lee e Tom Zé - Os Mutantes (1969)

Astronauta libertado
Minha vida me ultrapassa
Em qualquer rota que eu faça
Dei um grito no escuro
Sou parceiro do futuro
Na reluzente galáxia

Eu quase posso falar
A minha vida é que grita
Emprenha se reproduz
Na velocidade da luz
A cor do sol me compõe
O mar azul me dissolve
A equação me propõe
Computador me resolve

“2001”, de Rita Lee e Tom Zé - Os Mutantes

Astronauta libertado
Minha vida me ultrapassa
Em qualquer rota que eu faça
Dei um grito no escuro
Sou parceiro do futuro
Na reluzente galáxia

Amei a velocidade
Casei com sete planetas
Por filho, cor e espaço
Não me tenho nem me faço
A rota do ano-luz
Calculo dentro do passo
Minha dor é cicatriz
Minha morte não me quis

“2001”, de Rita Lee e Tom Zé - Os Mutantes

Nos braços de 2.000 anos
Eu nasci sem ter idade
Sou casado, sou solteiro
Sou baiano e estrangeiro
Meu sangue é de gasolina
Correndo não tenho mágoa
Meu peito é de sal de fruta
Fervendo num copo d'água

Barbaridade uai

Astronauta libertado
Minha vida me ultrapassa
Em qualquer rota que eu faça
Dei um grito no escuro
Sou parceiro do futuro
Na reluzente galáxia

Análise de uma imagem

Astronautas Dave Bowman e Frank Poole conversam sobre Hal



ROSENFELD, Anatol. *Na Cinelândia Paulistana*.
São Paulo: Perspectiva, 2002.

“O osso torna-se meio para um fim. Surge um nexo teleológico dentro do nexo causal e, com isso, o dom da técnica.” (p.316)

KRAMER, Peter. *2001: A space odyssey*. London: Palgrave Macmillan, 2015. p.66.

Encontros com o monolito:

- Pré-História
- Lua
- Júpiter
- No quarto em que Dave está muito envelhecido

STACKHOUSE, Margaret. Interpretations of *2001: A space odyssey*. In: CASTLE, Alison, ed. *The Stanley Kubrick Archives*. New York: Taschen, 2016. p.466-471.

- O monolito poderia significar:

No início do filme: o momento no qual seres atingem um estágio no qual estão prontos para a inspiração. Talvez esse seja o momento no qual macacos passam a ser humanos, por criarem um instrumento destinado a sustentar sua própria sobrevivência.

STACKHOUSE, Margaret. Interpretations of *2001: A space odyssey*. In: CASTLE, Alison, ed. *The Stanley Kubrick Archives*. New York: Taschen, 2016. p.466-471.

- Hal poderia significar:

O Mal (sendo nesse caso uma expressão de uma natureza humana).

O resultado das ações de seres humanos agirem como deuses, criando formas de existência.

FISCHER, Volker. Designing the future. *Kinematograph*, n.20, 2004, p.110-111.

Hal (abreviatura para Heuristic Algorithmic)

- é visto como uma lente vermelha brilhante;
- atua como onisciente e onipresente;
- desenvolve opiniões sobre si mesmo;

- coloca sua própria existência acima das vidas daqueles que dependem dele;
- o desenvolvimento de emoções atinge uma insegurança.

KRAMER, Peter. *2001: A space odyssey*. London: Palgrave Macmillan, 2015. p.71.

Hal tem informações sobre a missão partilhadas com lideranças na Terra, mas ignoradas pelos astronautas.